

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS
NATURAIS RENOVÁVEIS-IBAMA/CNPT

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

data: ____/____/____

cod. 02 D 000 28

Gestão Participativa nas **RESERVAS EXTRATIVISTAS**

Rafael Pinzón Rueda/CNPT

GESTÃO PARTICIPATIVA NAS RESERVAS EXTRATIVISTAS

Rafael Pinzón Rueda - IBAMA/CNPT

Até inícios do século XIX, com relação ao extrativismo, o mundo era dominado pelas idéias dos naturalistas, embalados pelo sucesso da Botânica, da Zoologia, das descobertas científicas e das grandes expedições à África, Ásia e América Latina. Falava-se então muito da "mãe natureza" e das imensuráveis riquezas nela contidas.

Com o advento da Revolução Industrial e especialmente através da influência do materialismo histórico de Marx, que fazia tudo depender da ordem econômica, motor de todos os acontecimentos, as riquezas naturais passaram a chamar-se de "matérias primas", indispensáveis para saciar a fome louca de transformá-las em novos produtos e assim satisfazer as ambições de consumo e exportação.

Naquela época as matérias primas eram tidas como inesgotáveis e seu consumo como controlável pela ação do homem.

Um século depois, com o avanço da tecnologia, o crescimento populacional e a utilização excessiva das "matérias primas", o homem começou a mudar seus conceitos sobre o extrativismo. A primeira constatação foi que os recursos naturais não são inesgotáveis, que é preciso reproduzi-los para que permaneçam e mesmo cheguem a outras gerações. Assim surgiu a idéia de sustentabilidade e de que se deve praticar um desenvolvimento sustentável. O extrativismo foi enquadrado neste novo conceito.

No caso concreto do Brasil, onde a defesa dos recursos naturais extrativos surgiu da luta dos extrativistas pela terra, o objetivo a conquistar não foi apenas um desenvolvimento sustentável, mas, "SOCIALMENTE JUSTO". O neo-extrativismo deve conservar esta característica de concretização da justiça, mediante a atribuição da terra a aqueles que secularmente ali habitam e a defendem.

EXTRATIVISMO NO FIM DO MILÊNIO

O Extrativismo tem sido comumente descrito como uma atividade dos povos primitivos, pouco a pouco substituída, na medida em que o homem foi descobrindo tecnologias, acumulando conhecimentos e se tomando senhor das leis da natureza. Trata-se de um estereótipo transmitido à sociedade, a partir da imagem da gênese do "homo sapiens"

Ao término do nosso milênio, na Amazônia brasileira, o extrativismo é algo totalmente diferente de tal padronização. É um conjunto de atividades econômicas de grupos sociais que não exclui a incorporação de tecnologias nem a transformação e agregação de valor aos produtos; pelo contrário, abrange atividades agro-pastorais, extrativas e silviculturais, atingindo não só os processos produtivos mas também os transformativos e os de comercialização.

Não existe, portanto, o extrativismo de coleta de um único produto. O que existe são em torno de 200.000 famílias que na Região praticam o neo-extrativismo de múltiplas atividades. Os ataques ao extrativismo "estereotipado" por manuais de antropologia ou economia, classificando-o como etapa "superada" pela humanidade, tem toda validade, porém, quando dirigidas contra o neo-extrativismo, tais ataques são tão inócuos quanto os de Dom Quixote contra os moinhos de vento.

O que interessa é a realidade, isto é, a existência de um milhão de pessoas que praticam o neo-extrativismo, habitando na floresta tropical úmida.

OS DEFENSORES DA FLORESTA

Os extrativistas tem como característica principal a de serem autênticos defensores da floresta, não por terem feito cursos de ecologia - palavra que desconhecem -, mas obedecendo à lei natural da sobrevivência: defendem a floresta porque dela dependem para subsistir. Suas casas são feitas de troncos, tábuas e palhas das árvores; sua comida vem dos frutos e animais silvestres, dos peixes e das safras colhidas naquelas terras e suas roupas e ferramentas são adquiridas mediante as trocas dos seus produtos extrativistas, na cidade.

A devastação da floresta foi e é praticada por alienígenas que vindo de outras regiões do país, só conhecem a agricultura e a pecuária praticadas a partir da derrubada da floresta; esta mesma atitude é tomada pelos pequenos agricultores assentados por programas oficiais.

A defesa da floresta foi a força que uniu os extrativistas na luta contra os fazendeiros, os madeireiros e contra os programas oficiais de colonização destruidores do seu sistema extrativo de produção.

AS RESERVAS EXTRATIVISTAS

O Decreto nº 98.897, de 30 de janeiro de 1990 que dispõe sobre as Reservas Extrativistas, assim se expressa:

Art. 1º - As Reservas Extrativistas são espaços territoriais destinados à exploração auto-sustentável e conservação dos recursos naturais renováveis, por população extrativista.

Art. 2º - O Poder Executivo criará Reservas Extrativistas em espaços territoriais considerados de interesse ecológico e social.

Parágrafo Único - São espaços territoriais considerados de interesse ecológico e social as áreas que possuam características naturais ou exemplares da biota que possibilitem a sua exploração auto-sustentável, sem prejuízo da conservação ambiental.

Art. 3º - Do ato de criação constarão os limites geográficos, a população destinatária e as medidas a serem tomadas pelo Poder Executivo para a sua implantação, ficando a cargo do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA - as desapropriações que se fizerem necessárias.

Art. 4º - A exploração auto-sustentável e a conservação dos recursos naturais será regulada por contrato de concessão real de uso, na forma do artigo 7º do Decreto-Lei nº 271 (3), de 28 de fevereiro de 1967.

§ 1º - O direito real de uso será concedido a título gratuito.

§ 2º - O contrato de concessão incluirá o Plano de Utilização aprovado pelo IBAMA e conterá cláusula de rescisão quando houver quaisquer danos ao meio ambiente ou a transferência da concessão "inter vivos".

Art. 5º - Caberá ao IBAMA supervisionar as áreas extrativistas e acompanhar o cumprimento das condições estipuladas no contrato de que trata o artigo anterior.

Podemos considerar as Reservas Extrativistas como uma das metas a alcançar, dentro da evolução histórica do extrativismo, uma vez que elas sintetizam vários ideais perseguidos pela sociedade contemporânea:

- Equilíbrio entre desenvolvimento, conservação do meio ambiente e justiça social;
- Participação da sociedade como agente e não como objeto do processo. As reservas são auto-geridas pelos moradores;
- Resgate e aperfeiçoamento do saber popular, pois o neo-extrativismo tem como base a experiência e sabedoria dos moradores que durante muitos anos ali convivem harmonicamente com a natureza;
- Diminuição dos custos de proteção das florestas, uma vez que os moradores se constituem em seus defensores.

Dentro deste quadro de evolução do extrativismo, alguns avanços são alcançados através das Reservas Extrativistas:

- Fortalecimento das organizações locais, especialmente através da capacitação dos recursos humanos;
- Fornecimento de condições materiais e ferramentas para a implementação do gerenciamento cooperativo dos recursos e da atividade extrativa;
- Distribuição do poder sobre os recursos naturais (Concessão de Uso e Planos de Utilização);
- Libertação dos laços de dependência dos intermediários (abastecimento de bens, insumos e comercialização da produção);
- Acréscimo de valor aos produtos extraídos (beneficiamento ou pré-industrialização);
- Diversificação das atividades econômicas.

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES PARA PROTEGER AS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

"Organizar é conservar" é um dos lemas do CNPT. Este princípio é resultado da experiência nos trabalhos com populações tradicionais. O dia a dia tem nos ensinado que não bastam as medidas coersitivas e fiscalizadoras nem as medidas educativas são suficientes para que as comunidades passem a conservar o meio ambiente; é fundamental, isso sim, que os moradores se organizem, pois a coletivização dos princípios ambientalistas permite a tomada de medidas mais eficazes, especialmente quando se trata de comunidades rurais.

A imensidão das nossas unidades de conservação é muitas vezes o isolamento em que se encontram, são fatores impeditivos da montagem de um bom sistema de fiscalização. Por sua vez, a dispersão das famílias e a falta de meios de comunicação reduzem a eficácia da educação ambiental.

Para que se possa não só realizar uma boa educação ambiental e os moradores se transformem em ambientalistas, protetores da unidade de conservação, o verdadeiro caminho é sua organização social e comunitária. Isto se explica porque na área rural, é bem maior o fenômeno do "controle social" e a mudança de comportamento é incorporada sob pressões coletivas, a partir do exemplo das lideranças.

Quem conhece os fenômenos sócio-antropológicos da família rural, sabe muito bem quanto pesa a opinião dos vizinhos e sabe também que os hábitos agressivos ao meio ambiente nas unidades de conservação, são mais a repetição de comportamentos que com o passar dos anos foram coletivizados e que o "controle social" impede sua mudança. Esta ocorrerá mais facilmente através de representações do coletivo, isto é, através da organização social.

VANTAGENS DA ORGANIZAÇÃO DOS MORADORES

- 1) A primeira vantagem da organização dos moradores, para proteger melhor as unidades de conservação é que as decisões são legitimadas pela coletividade e como tal, os novos comportamentos não são retardados pelo "contrôle social".
- 2) A organização permite ainda que as decisões sobre a conservação dos recursos naturais sejam tomadas de forma democrática, mediante a participação dos interessados.
- 3) Outra vantagem é que mediante a própria organização dos moradores é mais fácil multiplicar as informações e harmonizar a compreensão das mensagens.
- 4) A maior vantagem, entretanto, é o somatório de potencialidades dos comunitários que se torna uma força transformadora.

COMO ORGANIZAR AS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES

São os moradores que devem tomar a decisão de se organizar em associação; entretanto, os técnicos podem previamente divulgar as vantagens da associação e a forma de constituí-la.

A organização propriamente dita da associação por ser encomendada a um comitê, responsável pela fundação. A escolha deste comitê pode ser já uma forma de permitir que as lideranças exerçam seu papel.

Todo o processo de associativismo está fundamentado no trabalho de boas lideranças; os técnicos poderão conhecê-las através dos frutos que as mesmas deixam na comunidade, isto é, o bom líder não é aquele que tem o dom da palavra e sim aquele que arrebanha seguidores, ou seja, aquele que é aceito e bem quisto pela comunidade.

Não basta que as lideranças desejem a Associação; o importante é que a mesma tenha membros atuantes; isto implica num processo gradual e educativo mediante o qual as pessoas vão se comprometendo e engajando com a própria comunidade.

A associação precisa materializar-se numa sede, num sistema de registro e credenciamento dos associados, no controle de pagamento das mensalidades, nas reuniões periódicas e especialmente nos trabalhos comunitários.

É necessário que no Estatuto da Associação haja um artigo explicitando que um dos seus objetivos é trabalhar pela conservação do meio ambiente, pois esta condição é necessária para negociar convênios com as instituições ambientalistas governamentais.

Uma vez criada a associação, é preciso realizar todo um programa de capacitação, a fim de assegurar o bom desempenho nas rotinas administrativas. A capacitação deve visar especialmente preparar os associados para que cumpram os objetivos estatutários e assim melhorem as condições de vida.

A continuidade dos trabalhos de educação ambiental faz realmente dos associados, os melhores aliados em defesa das unidades de conservação.

A PRÁTICA DA GESTÃO PARTICIPATIVA NAS RESERVAS EXTRATIVISTAS

Nas Reservas Extrativistas Tudo é feito com a participação dos moradores, a começar pelo Plano de Utilização, orientador da exploração sustentável dos recursos naturais. Vale ressaltar que chegou-se a este documento mediante um longo processo educativo, primeiro de esclarecimento junto à maioria dos moradores, do que era a reserva, quais suas vantagens, e segundo, de motivação para que participassem nas reuniões e debates para elaboração e aprovação do Plano; este trabalho durou mais de um ano e pode ser considerado como o primeiro aprendizado no processo de gerenciamento da reserva. Um regulamento feito e aprovado pelos próprios moradores tem mais possibilidades de ser respeitado, do que algo trazido de fora.

Outro exercício importante de co-gestão administrativa foi a elaboração dos POA's (Planos Operativos Anuais). As lideranças e os próprios Núcleos de Base indicaram e dimensionaram os mini projetos ou projetos alternativos de renda a serem implantados, as mobilizações, encontros e reuniões a serem feitas; a localização e os cronogramas de construção de escolas, postos de saúde e armazéns; a instalação de rádio-fonias, a compra e distribuição de animais de carga, a organização do escoamento da produção, a implantação de sistemas agro-florestais, a realização de treinamentos, etc..

As melhores provas de co-gestão das reservas, onde os moradores puderam expressar melhor sua capacidade gerencial foi na realização de mutirões, nos trabalhos comunitários dos núcleos de base e o exercício da fiscalização.

OS MUTIRÕES

Trabalhar em grupo para benefício de alguém, trocando dias de serviço, é uma tradição na área rural amazônica. Este espírito foi muito favorável ao alcance das metas do Projeto.

À época dos patrões, a limpeza dos caminhos (varadouros) e vias fluviais, construção de pontes, etc. ficava por conta deles. Com a saída dos patrões, vários caminhos dentro da mata já estavam desaparecendo; o IBAMA motivou os moradores que em mutirão partiram para dar uma nova fisionomia à reserva, atingindo estes resultados até maio/97 nas reservas onde se desenvolve um projeto piloto: Alto Juruá (AC) - Chico Mendes (AC), Rio Ouro Preto (RO) e Rio Cajari (AP):

ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Pontes construídas	34
Km de abertura de varadouros, ramais e rios	1.829
Construção de barragem p/ criação peixe	1
Construção barracão e criação de animais	5

Também, através de mutirões foram feitas as seguintes construções até maio/97:

ORGANIZAÇÃO GERENCIAL E COMUNITÁRIA

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Construção Sedes das Associações	7
Construção de Armazéns comunitários	51
Construção barracão p/ reunião e treinamentos	2
Implantação de cantinas comunitárias	19
Construção de escolas	22
Construção de postos de saúde	14

OS NÚCLEOS DE BASE - Alicerce da Gestão Participativa

Um líder, durante um treinamento de Núcleos de Base, indagado pelo técnico para que explicasse o que tinha entendido sobre Núcleos de Base, assim se expressou: "A reserva somos todos nós que moramos aqui: comparando como se todos nós moradores fossemos uma grande árvore, as raízes são os Núcleos de Base, o tronco é a Associação e a população em geral são os galhos, as folhas. Os Núcleos de Base são as raízes porque somos nós das comunidades que sustentamos, damos vida e força à reserva; a Associação é o povo em geral. A Associação também depende de nós que estamos na base e ao mesmo tempo a Associação chega até as comunidades através de nós que estamos na base".

Exatamente, os Núcleos de Base são aquelas 3 ou 4 pessoas de cada comunidade que se tomam a vida e o fermento do local, promovendo atividades que levam ao desenvolvimento e que aos poucos vão contagiando e incentivando os demais em prol das causas boas. Estes Núcleos são a presença da Associação na Comunidade, tomando a Associação algo vivo e atuante. Estes Núcleos são executores, monitores e avaliadores do Projeto; é através deles que a comunidade melhora seu conhecimento sobre a reserva, sobre o Plano de Utilização, sobre o Projeto RESEX. Nas 4 Reservas existem 43 Núcleos de Base atuantes.

Os Núcleos de Base além de promoverem reuniões de caráter educativo sobre temas de interesse das comunidades como, produção, comercialização, higiene, saúde, escola, lazer, etc., promovem trabalhos práticos para melhoria do local. Até maio/97 os Núcleos de Base tinham realizado este trabalhos:

TRABALHOS REALIZADOS PELOS NÚCLEOS DE BASE

DESCRIÇÃO	QUANTIDADE
Privadas higiênicas construídas	67
Cancelas construídas	50
Casa para peladeira de arroz construída	3
Pranchões sobre igarapés construídos	23
Campo de futebol construído	5

OS FISCAIS COLABORADORES

O CNPT diante da hercúlea tarefa de fiscalizar dois milhões de hectares, diante dos escassos recursos humanos e materiais do IBAMA para cumpri-la, e especialmente diante da necessidade de fazer com que os moradores se responsabilizem por aquilo que lhes pertence, resolveu apelar para a criatividade e associá-los ao processo de fiscalização como "Fiscais Colaboradores". Assim, as comunidades escolhem pessoas de pontos estratégicos da reserva, elas recebem treinamento específico para fiscalização e se responsabilizam por fazer cumprir o Plano de Utilização na área onde habitam; elas ajudam o IBAMA, também, nas campanhas de fiscalização e algumas delas fazem parte da "Comissão de Proteção da Reserva".

É um papel bastante difícil diante da comunidade e embora o Projeto forneça reciclagem e credencial do IBAMA, apenas 50% das pessoas treinadas persistem na função. É um índice ótimo, quando examinadas as circunstâncias e laços sociais existentes em tais sociedades fechadas e conservadoras.

Até maio/97 foram treinados 120 fiscais colaboradores. Saliente-se que o treinamento é ministrado em duas etapas, cada uma de 5 dias, separadas por intervalos de 6 meses e a credencial é fornecida quando cumprida a 2ª etapa.

As Reservas Extrativistas são uma prova viva de que se pode fazer a gestão dos recursos naturais com a participação dos próprios usuários de tais recursos. É um trabalho lento e constante, porém com resultados duradouros e com custos diminuídos.

A base é a conscientização do valor intrínseco que o recurso representa para os usuários e a compreensão e a prática de estratégias de uso sustentável.